

A crise não pode esperar mais

A gravidade da crise interna pode esperar por uma solução do problema da dívida, para só então conhecer um plano coerente de política econômica? Aqui, os economistas discutem a necessidade urgente que o país tem de ver implantadas as regras do jogo econômico.

Paul Singer — Eu acho que é um problema de *timing*, escalonamento de decisões. Não tem como fugir disso. É absolutamente urgente deter a perda de reservas cambiais de uma forma muito simples. O governo sabia. E não tem como adiar isso. E daí que nós entramos no *timing*. Porque o reárrumamento interno da economia não pode ser feito com urgência, e foi a forma que aconteceu com o Plano Cruzado. Nós temos que fugir disso. Sem querer discutir novamente a responsabilidade, o fato é que o Plano Cruzado acabou criando graves problemas de funcionamento do aparelho produtivo. Estamos ainda com graves questões de desabastecimento e preços relativos, que estão sendo resolvidos agora. Amanhã, vai subir o preço da energia elétrica, vai acabar com o subsídio ao trigo, vai ter que mexer com o preço do pão e das massas, os gatilhos vão funcionar e eu acredito que a experiência do Plano Cruzado, pelo menos, permite chegar a esta conclusão. Tentar ordenar a direção da economia autoritariamente, centralizadamente na Seap, no Ministério da Fazenda, no executivo apenas, não dá mais. Por outro lado, tentar uma coisa diferente, como propor um plano ao Parlamento, à Constituinte, exige algum tempo. Mas eu também não sou favorável a que o governo faça um novo choque, uma nova salvação.

Márcio Fortess — Eu acho que temos plena capacidade para gerenciar a economia brasileira. A médio prazo, a opinião técnica brasileira é quase unânime: todo mundo sabe qual vai ser o papel das indústrias extrativas, o papel do setor primário, o da indústria de alta tecnologia, etc. A questão agora é determinar as ações táticas de curto prazo para que se possa achar que tem um plano econômico.

Rogério Werneck — Eu acho que é uma falsa escolha decidir se adota primeiro um plano coerente para o setor interno ou primeiro resolve a questão da dívida. Não há nenhuma



Cesar Maia quer coerência

razão para um ordenamento preceder a outro. Provavelmente têm que ser simultâneos. Não há nenhuma razão para dizer que é mais importante o ordenamento externo ou mais importante o ordenamento interno. Está gritantemente claro que sem o ordenamento interno esse equacionamento da moratória não vai muito longe. Agora, eu acho que certamente o funcionamento do Parlamento em novas bases é importante para se reconhecer a forma de se fazer política econômica no país. Acho, também, que a gravidade da situação atual não permite que se esperem os frutos dessa abertura. Temos uma inflação de 15% a 20% ao mês com efeitos de dissensão social extremamente graves e, se o governo não apresenta, ainda que provisoriamente, uma política macroeconômica coerente eu não sei o que vai ser deste país. E essa política deve envolver principalmente uma política de rendas. Na ausência dela vai ser a selva. Não dá para esperar a Constituinte. Seria totalmente desastroso sentar e esperar a Constituinte se pronunciar, não há espaço para isso. Em momentos de crise o país não pode funcionar sem Executivo. Eu queria comentar uma colocação do Paul Singer: eu acho que não se pode usar o exemplo do Plano Cruzado para dizer que é impossível uma política macroeconômica coerente. Não vamos levar tão longe a ressaca. O Plano Cruzado nos três primeiros meses já tinha virado outra coisa.

César Maia — Administrar o conjunto de instrumentos, de redefinir alguns desses instrumentos e administrar o conjunto da política econômica é uma coisa fundamental. O que nós estamos vendo é o governo pecar nas três frentes. Nenhuma política econômica vai dar certo se não estabelecer e firmar a regra do jogo. O que está acontecendo no Brasil já há muitos meses é uma mentira permanente em relação ao que está ocorrendo. O governo tem usado a trágica tática de apelidar os opositores. Os empresários eram bakunistas, anarquistas, os trabalhadores são subversivos, os agricultores uderristas, a oposição deve ser leninista porque acham que o Presidente é Kerenski, o setor externo são neocolonizadores. Enfim, não tem plano para reorganizar a economia.

Paul Singer — Eu queria responder ao Rogério. Em primeiro lugar quero dizer que o governo não parou de fazer política macroeconômica. Ocorre que essa política do Cruzado II para cá é de corte ortodoxo, recessivo. O governo adotou uma regra que nos parece inexequível mas que resulta em juros altíssimos. É uma política ortodoxa, de austeridade, e recessiva porque impede não somente que haja investimento como também está quebrando uma porção de empresas. Esse quadro que o Rogério pintou, de grande grise social, a meu ver ainda não é real porque o gatilho está de alguma maneira dando algum tipo de perspectiva ao assalariado. De forma que quando eu insisto que deveríamos parar de fazer política macroeconômica aos pedacinhos é porque a política que está sendo posta em prática é a pior possível. O argumento de que a democracia é necessariamente lerdá e ineficiente para decidir os rumos da sociedade é ultrapassado.

Rogério Werneck — Eu não disse em absoluto que a democracia é lerdá e ineficiente. Mas faz parte da democracia um Executivo eleito, com capacidade de tomar decisões rápidas, e um Legislativo que fatalmente acaba sendo mais lento. O que eu estou cobrando é uma política macroeconômica coerente. E a prova disso, por exemplo, são os juros. O governo, apesar de tudo o que está sendo dito, insiste que a política dele é baixar os juros. Em matéria de sinalização isso é o caos. Outra prova de que não existe política macroeconômica coerente é o Plano Sayad.